

MARIO YPIRANGA MONTEIRO



GOTAS DE SANGUE

Poemas

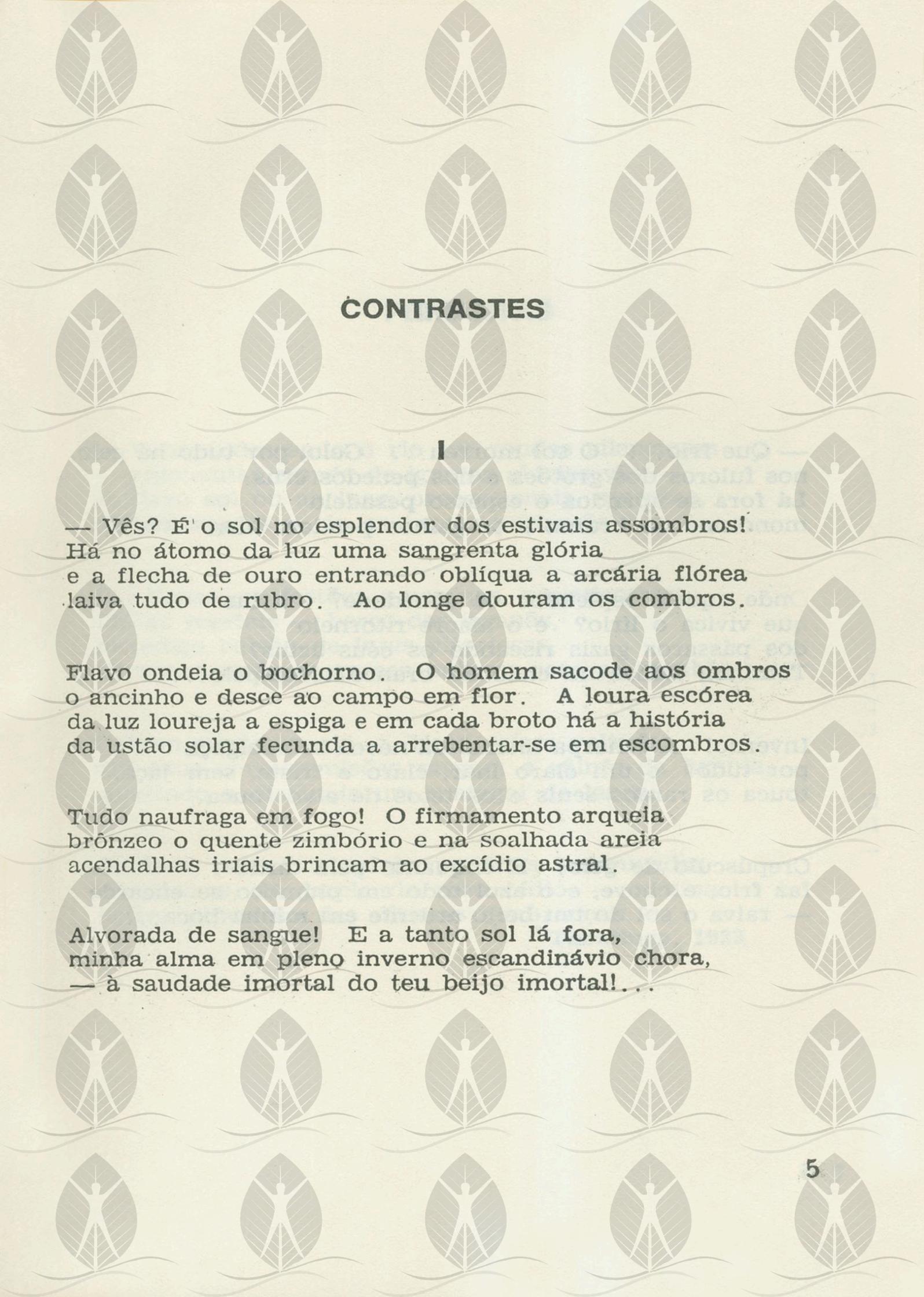
1985

MÁRIO YPIRANGA MONTEIRO

GOTAS DE SANGUE

Poemas

1985



CONTRASTES

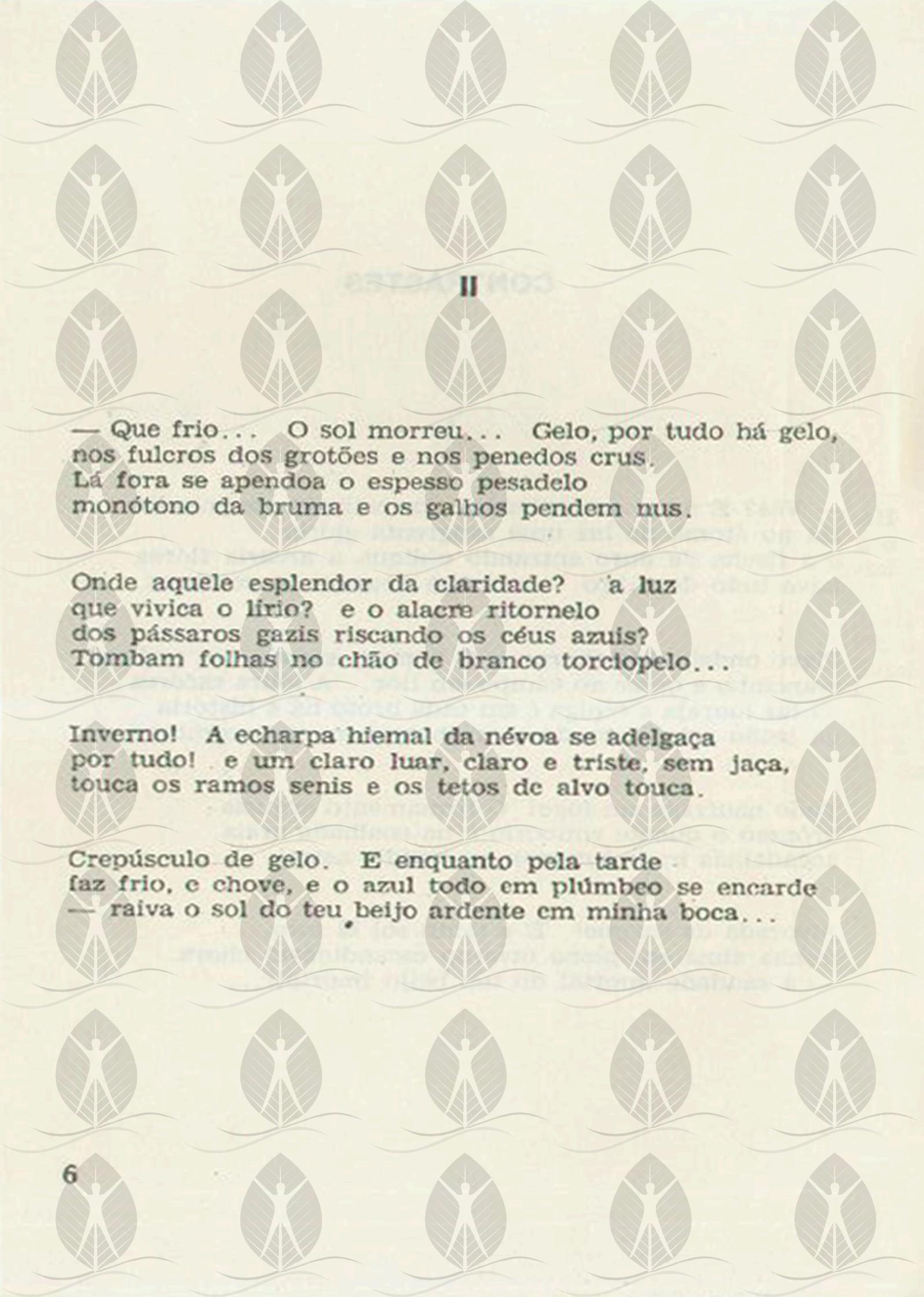
I

— Vês? É' o sol no esplendor dos estivais assombros!
Há no átomo da luz uma sangrenta glória
e a flecha de ouro entrando oblíqua a arcária flórea
laiva tudo de rubro. Ao longe douram os combros.

Flavo ondeia o bochorno. O homem sacode aos ombros
o ancinho e desce ao campo em flor. A loura escórea
da luz loureja a espiga e em cada broto há a história
da ustão solar fecunda a arrebentar-se em escombros.

Tudo naufraga em fogo! O firmamento arqueia
brônzeo o quente zimbório e na soalhada areia
acendalhas iriais brincam ao excídio astral.

Alvorada de sangue! E a tanto sol lá fora,
minha alma em pleno inverno escandinávio chora,
— à saudade imortal do teu beijo imortal!...



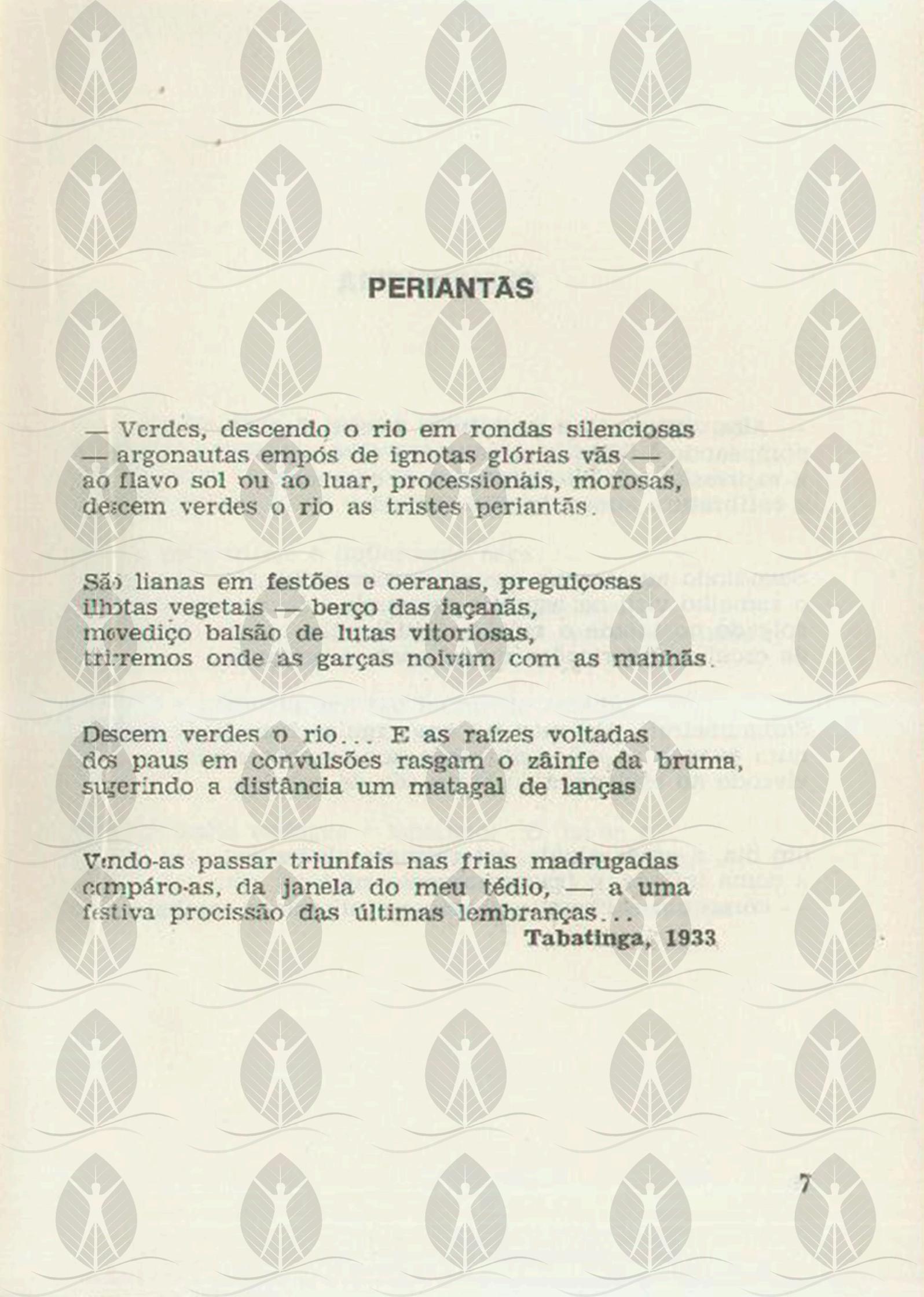
II

— Que frio... O sol morreu... Gelo, por tudo há gelo,
nos fulcros dos grotões e nos penedos crus.
Lá fora se apendoa o espesso pesadelo
monótono da bruma e os galhos pendem nus.

Onde aquele esplendor da claridade? 'a luz
que vivica o lírio? e o alacre ritornelo
dos pássaros gaxis riscando os céus azuis?
Tombam folhas no chão de branco torciopelo...

Inverno! A echarpa hiemal da névoa se adelgaça
por tudo! e um claro luar, claro e triste, sem jaça,
touca os ramos senis e os tetos de alvo touca.

Crepúsculo de gelo. E enquanto pela tarde
faz frio, e chove, e o azul todo em plúmbeo se encarde
— raiva o sol do teu beijo ardente em minha boca...



PERIANTÁS

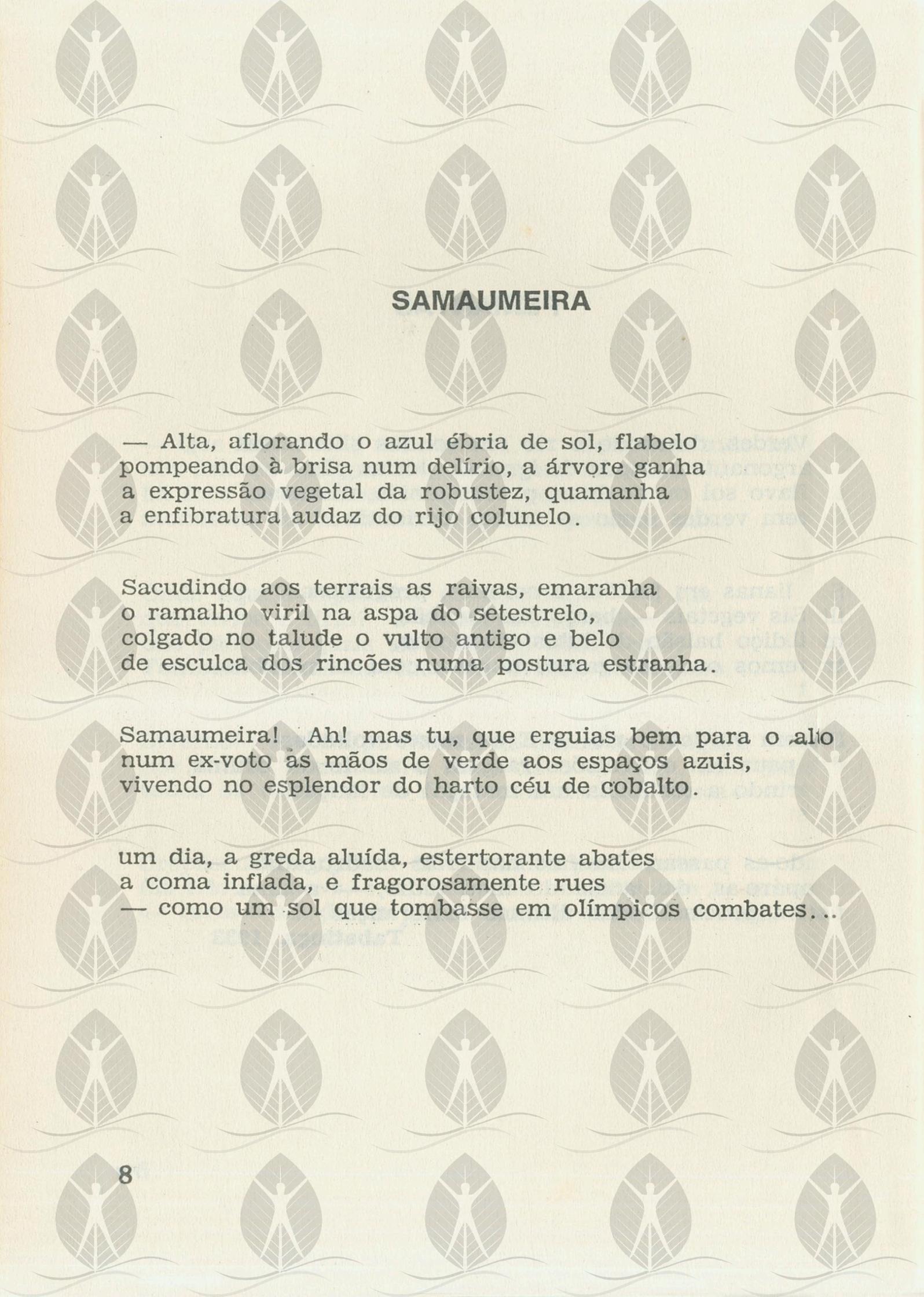
— Verdes, descendo o rio em rondas silenciosas
— argonautas empós de ignotas glórias vãs —
ao flavo sol ou ao luar, proceccionais, morosas,
descem verdes o rio as tristes periantás.

São lianas em festões e oeranas, preguiçosas
ilhotas vegetais — berço das iaçanãs,
movediço balsão de lutas vitoriosas,
triremos onde as garças noivam com as manhãs.

Descem verdes o rio... E as raízes voltadas
dos paus em convulsões rasgam o zainfe da bruma,
sugerindo a distância um matagal de lanças

Vendo-as passar triunfais nas frias madrugadas
empáro-as, da janela do meu tédio, — a uma
festiva procissão das últimas lembranças...

Tabatinga, 1933



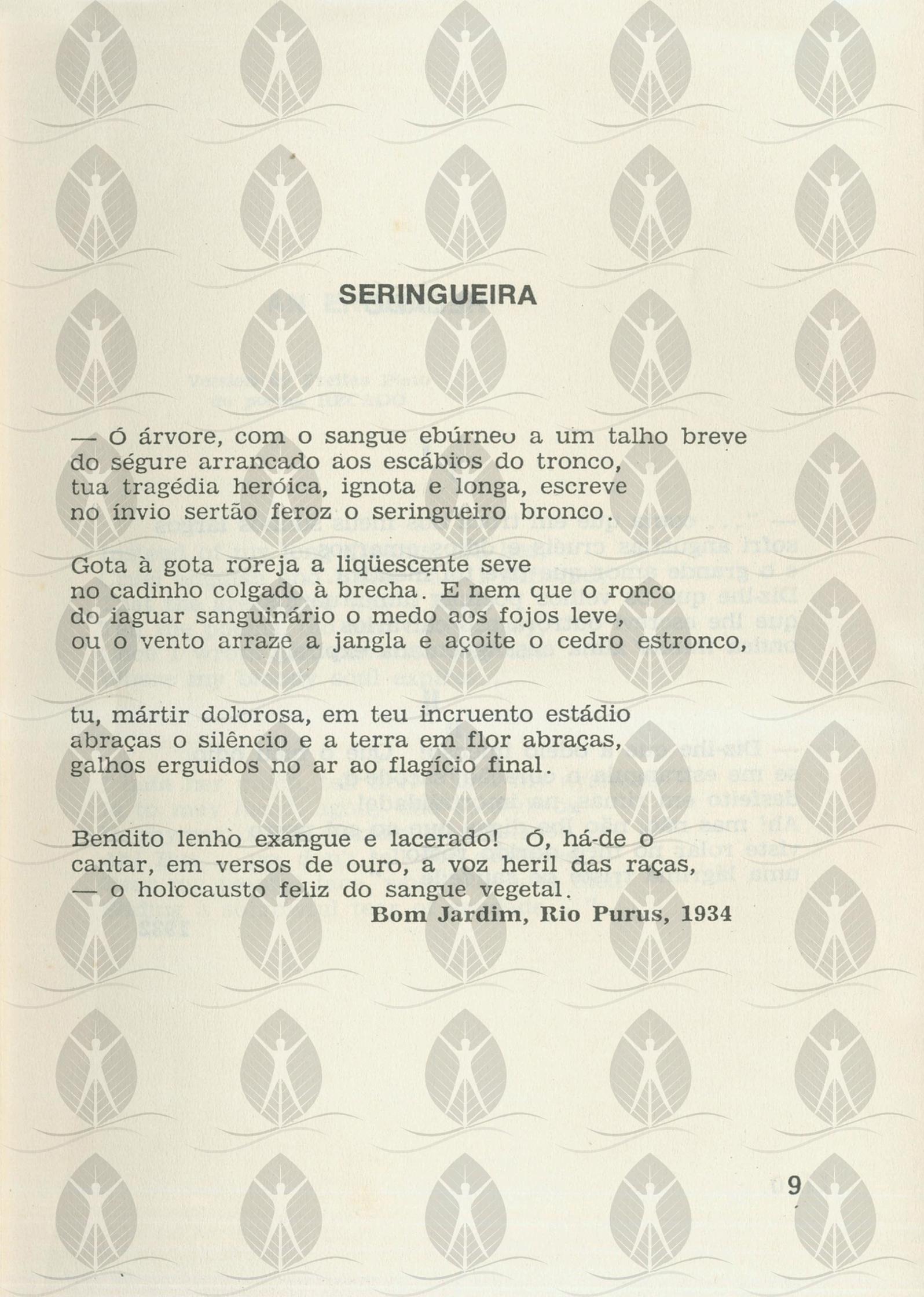
SAMAUMEIRA

— Alta, aflorando o azul ébria de sol, flabelo pompeando à brisa num delírio, a árvore ganha a expressão vegetal da robustez, quamanha a enfibratura audaz do rijo colunelo.

Sacudindo aos terrais as raivas, emaranha o ramalho viril na aspa do setestrela, colgado no talude o vulto antigo e belo de esculca dos rincões numa postura estranha.

Samaumeira! Ah! mas tu, que erguias bem para o alto num ex-voto às mãos de verde aos espaços azuis, vivendo no esplendor do hartu céu de cobalto.

um dia, a greda aluída, estertorante abates a coma inflada, e fragorosamente rues — como um sol que tombasse em olímpicos combates...



SERINGUEIRA

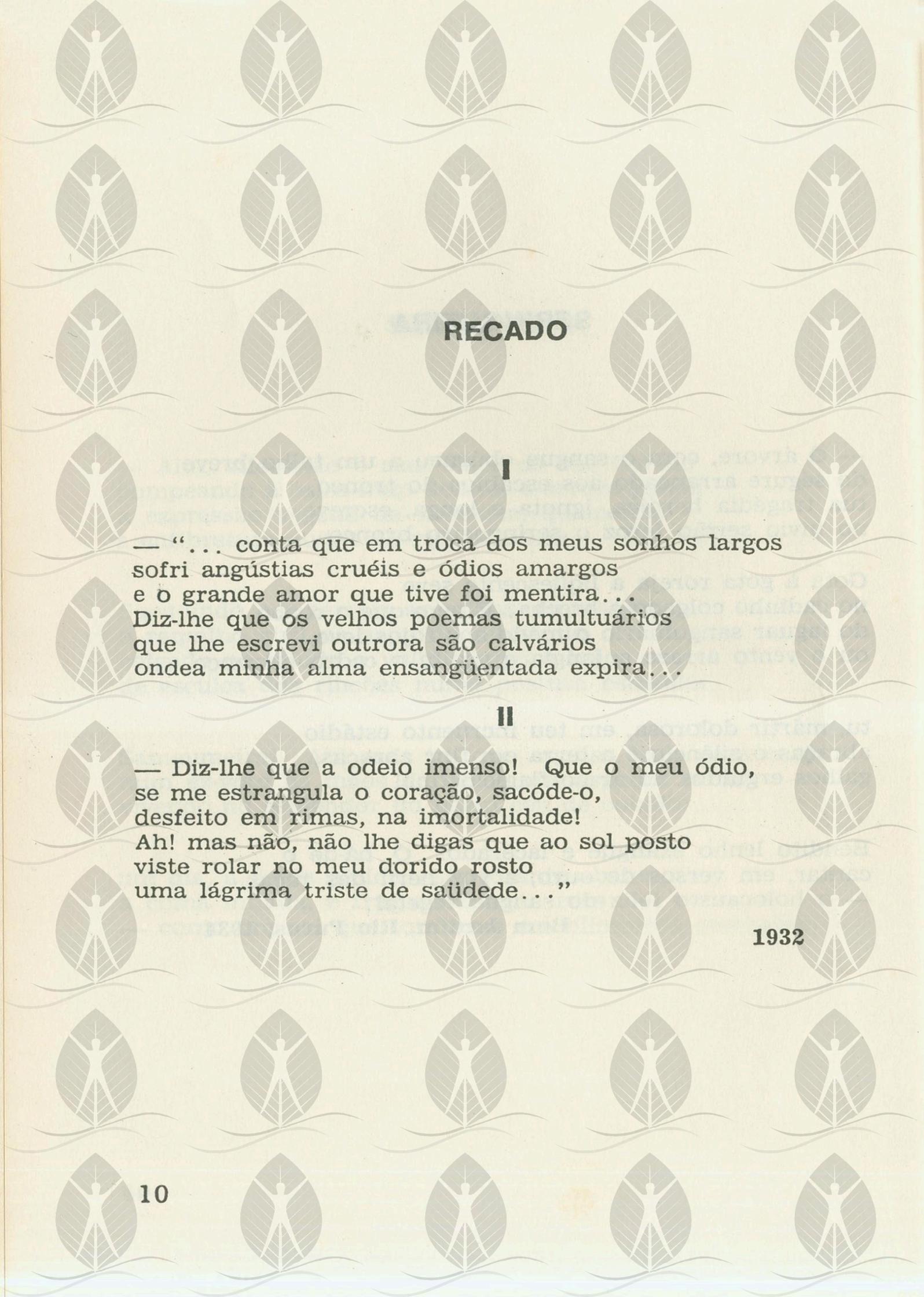
— Ó árvore, com o sangue ebúrneo a um talho breve
do ségure arrancado aos escábios do tronco,
tua tragédia heróica, ignota e longa, escreve
no ínvio sertão feroz o seringueiro bronco.

Gota à gota roreja a liquescçente seve
no cadinho colgado à brecha. E nem que o ronco
do iaguar sanguinário o medo aos fojos leve,
ou o vento arraze a jangla e açoite o cedro estronco,

tu, mártir dolorosa, em teu incruento estádio
abraças o silêncio e a terra em flor abraças,
galhos erguidos no ar ao flagício final.

Bendito lenhò exangue e lacerado! Ó, há-de o
cantar, em versos de ouro, a voz heril das raças,
— o holocausto feliz do sangue vegetal.

Bom Jardim, Rio Purus, 1934



RECADO

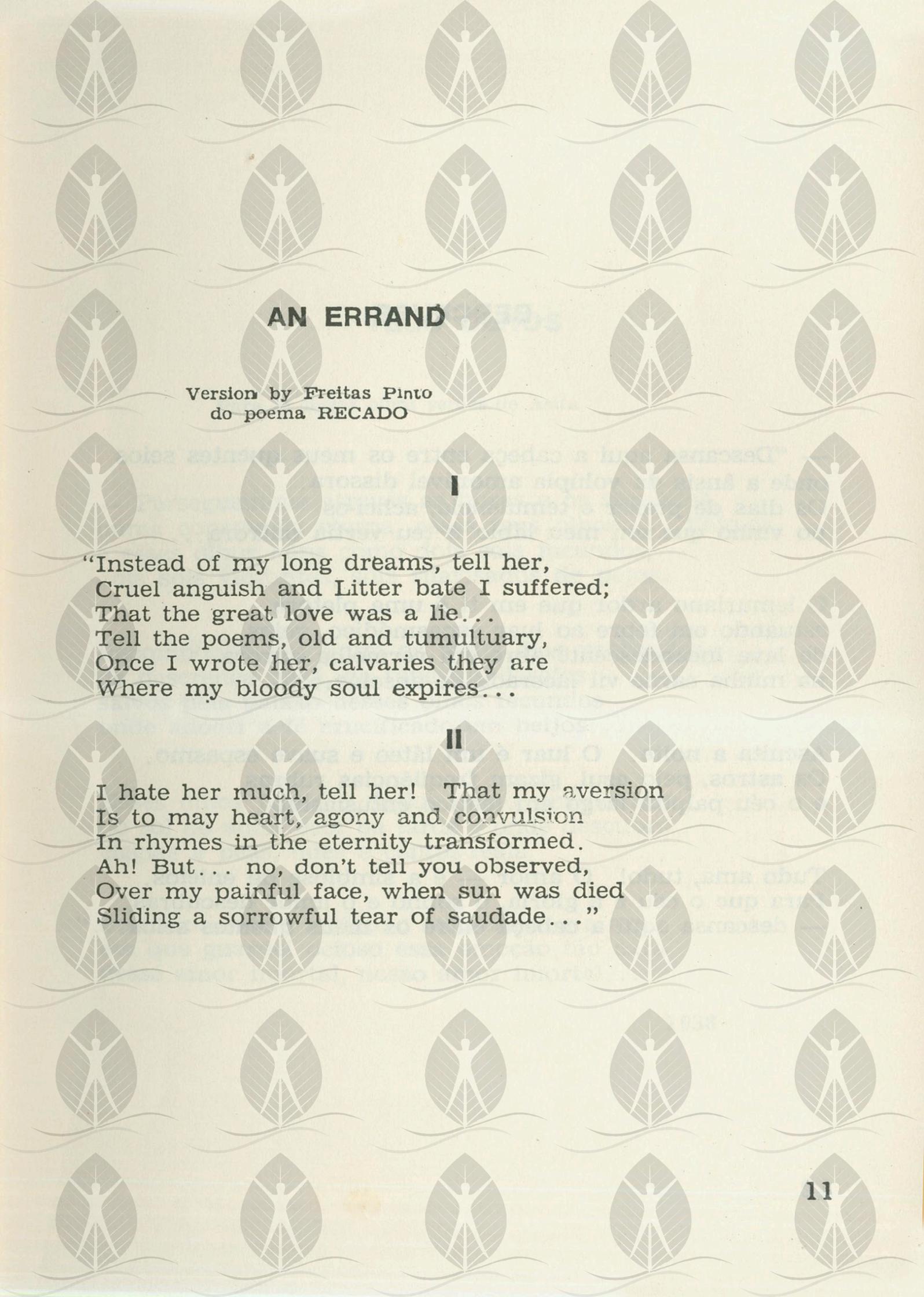
I

— “... conta que em troca dos meus sonhos largos
sofri angústias cruéis e ódios amargos
e o grande amor que tive foi mentira...
Diz-lhe que os velhos poemas tumultuários
que lhe escrevi outrora são calvários
ondea minha alma ensangüentada expira...”

II

— Diz-lhe que a odeio imenso! Que o meu ódio,
se me estrangula o coração, sacóde-o,
desfeito em rimas, na imortalidade!
Ah! mas não, não lhe digas que ao sol posto
viste rolar no meu dorido rosto
uma lágrima triste de saüdede...”

1932



AN ERRAND

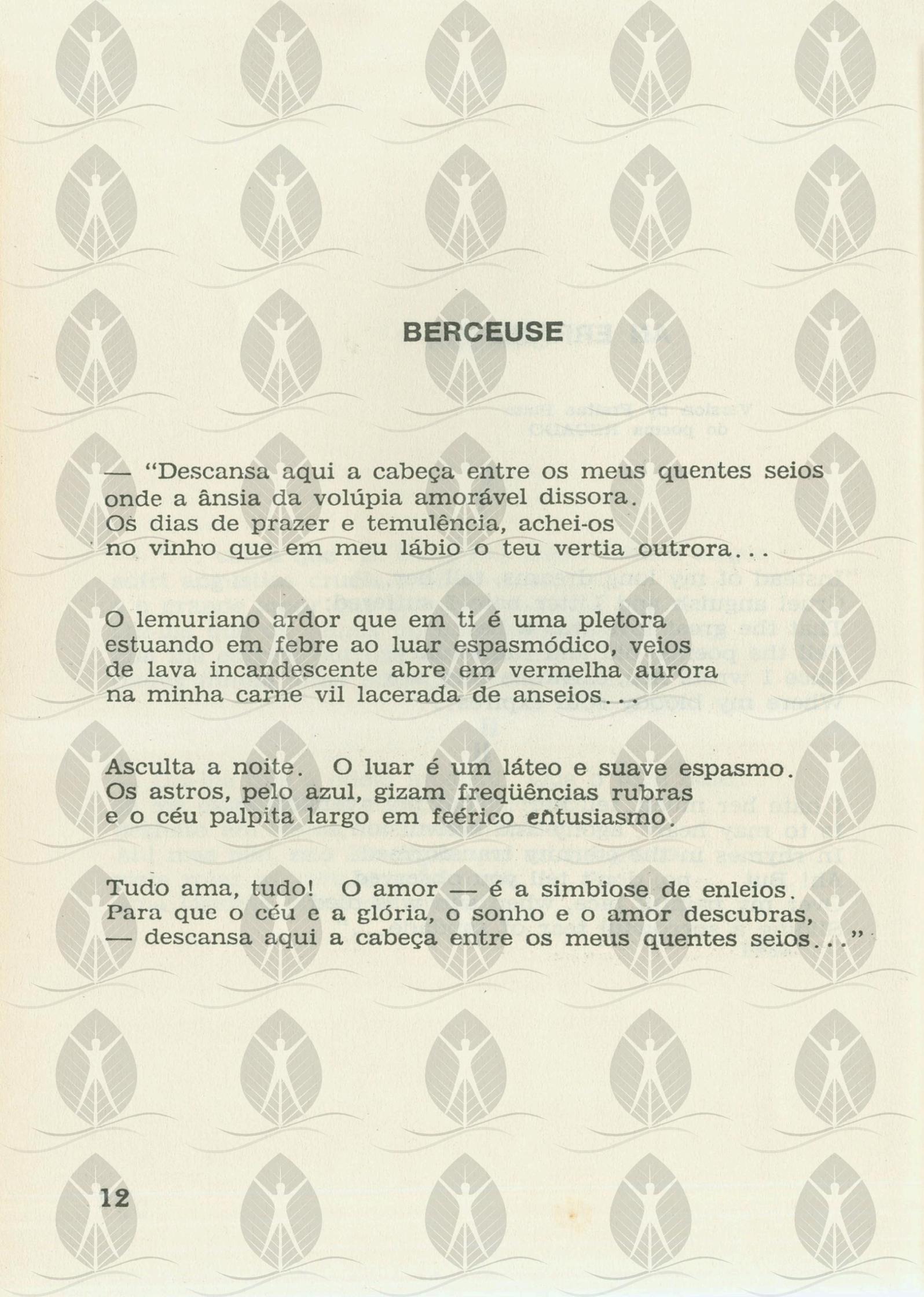
Version by Freitas Pinto
do poema RECADO

I

"Instead of my long dreams, tell her,
Cruel anguish and Litter bate I suffered;
That the great love was a lie...
Tell the poems, old and tumultuary,
Once I wrote her, calvaries they are
Where my bloody soul expires..."

II

I hate her much, tell her! That my aversion
Is to may heart, agony and convulsion
In rhymes in the eternity transformed.
Ah! But... no, don't tell you observed,
Over my painful face, when sun was died
Sliding a sorrowful tear of saudade..."



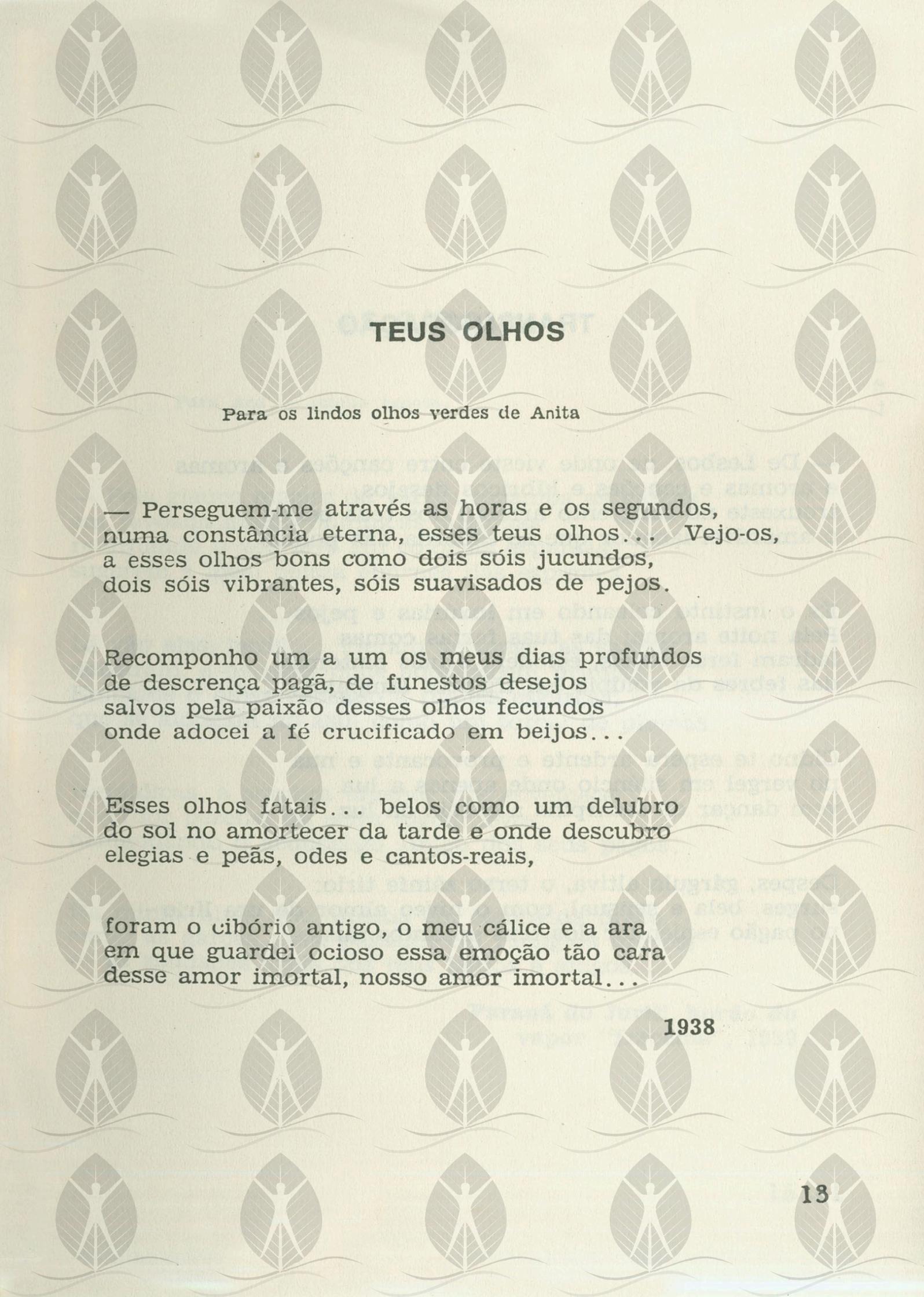
BERCEUSE

— “Descansa aqui a cabeça entre os meus quentes seios
onde a ânsia da volúpia amorável dissora.
Os dias de prazer e temulência, achei-os
no vinho que em meu lábio o teu vertia outrora...”

O lemuriano ardor que em ti é uma pletora
estuando em febre ao luar espasmódico, veios
de lava incandescente abre em vermelha aurora
na minha carne vil lacerada de anseios...

Asculta a noite. O luar é um láteo e suave espasmo.
Os astros, pelo azul, gizam frequências rubras
e o céu palpita largo em feérico entusiasmo.

Tudo ama, tudo! O amor — é a simbiose de enleios.
Para que o céu e a glória, o sonho e o amor descubras,
— descansa aqui a cabeça entre os meus quentes seios...”



TEUS OLHOS

Para os lindos olhos verdes de Anita

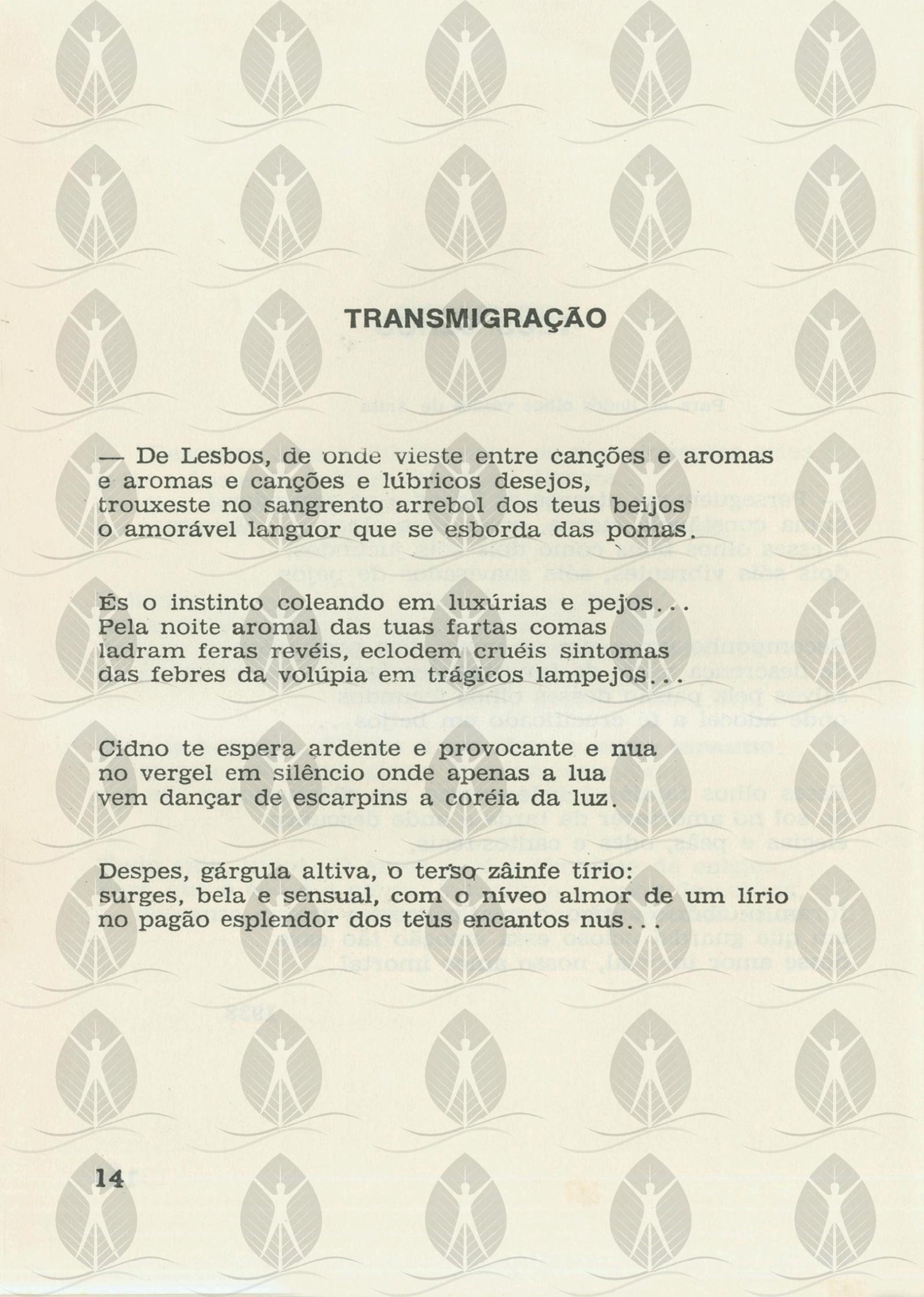
— Perseguem-me através as horas e os segundos,
numa constância eterna, esses teus olhos... Vejo-os,
a esses olhos bons como dois sóis jucundos,
dois sóis vibrantes, sóis suavizados de pejos.

Recomponho um a um os meus dias profundos
de descrença pagã, de funestos desejos
salvos pela paixão desses olhos fecundos
onde adocei a fé crucificado em beijos...

Esses olhos fatais... belos como um delubro
do sol no amortecer da tarde e onde descubro
elegias e peãs, odes e cantos-reais,

foram o cibório antigo, o meu cálice e a ara
em que guardei ocioso essa emoção tão cara
desse amor imortal, nosso amor imortal...

1938



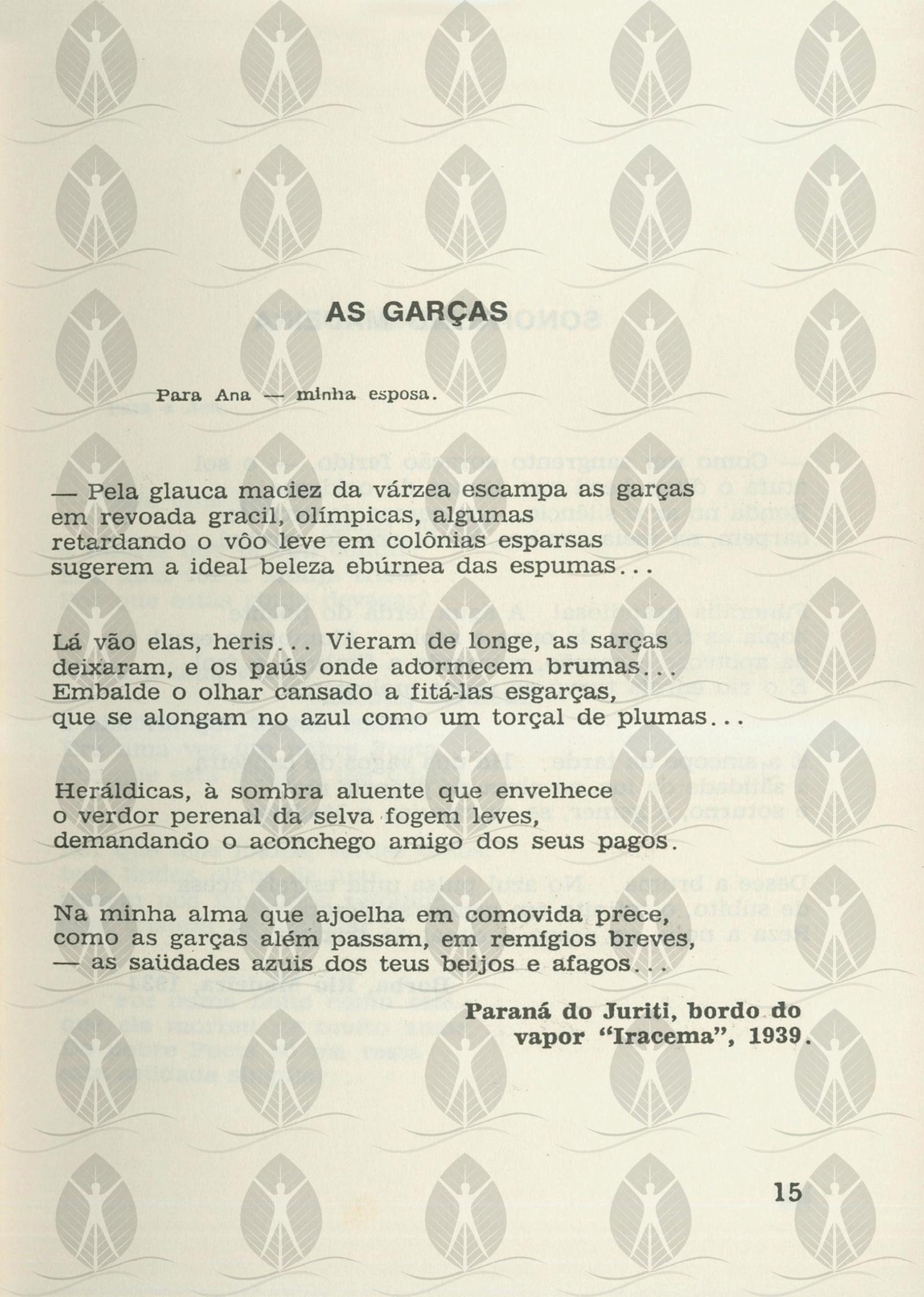
TRANSMIGRAÇÃO

— De Lesbos, de onde vieste entre canções e aromas
e aromas e canções e lúbricos desejos,
trouxeste no sangrento arrebol dos teus beijos
o amorável languor que se esborda das pomas.

És o instinto coleando em luxúrias e pejos...
Pela noite aromal das tuas fartas comas
ladram feras revéis, eclodem cruéis sintomas
das febres da volúpia em trágicos lampejos...

Cidno te espera ardente e provocante e nua
no vergel em silêncio onde apenas a lua
vem dançar de escarpins a coréia da luz.

Despes, gárgula altiva, o terso zâinfe tírio:
surges, bela e sensual, com o níveo almor de um lírio
no pagão esplendor dos teus encantos nus...



AS GARÇAS

Para Ana — minha esposa.

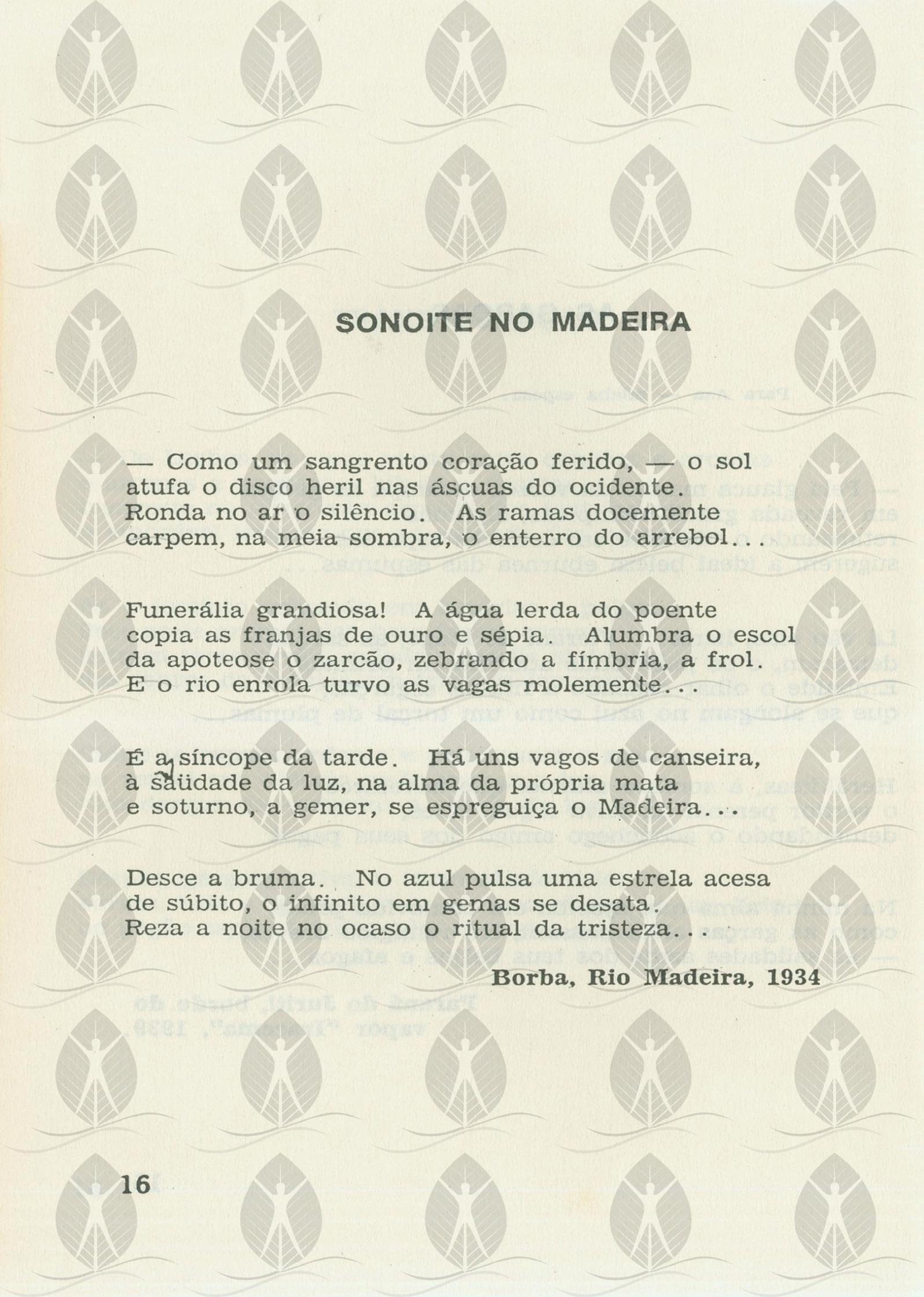
— Pela glauca maciez da várzea escampa as garças em revoada gracil, olímpicas, algumas retardando o vôo leve em colônias esparsas sugerem a ideal beleza ebúrnea das espumas...

Lá vão elas, heris... Vieram de longe, as sarças deixaram, e os paús onde adormecem brumas... Embalde o olhar cansado a fitá-las esgarças, que se alongam no azul como um torçal de plumas...

Heráldicas, à sombra aluente que envelhece o verdor perenal da selva fogem leves, demandando o aconchego amigo dos seus pagos.

Na minha alma que ajoelha em comovida prece, como as garças além passam, em remígiões breves, — as saúdaes azuis dos teus beijos e afagos...

Paraná do Juriti, bordo do vapor "Iracema", 1939.



SONOITE NO MADEIRA

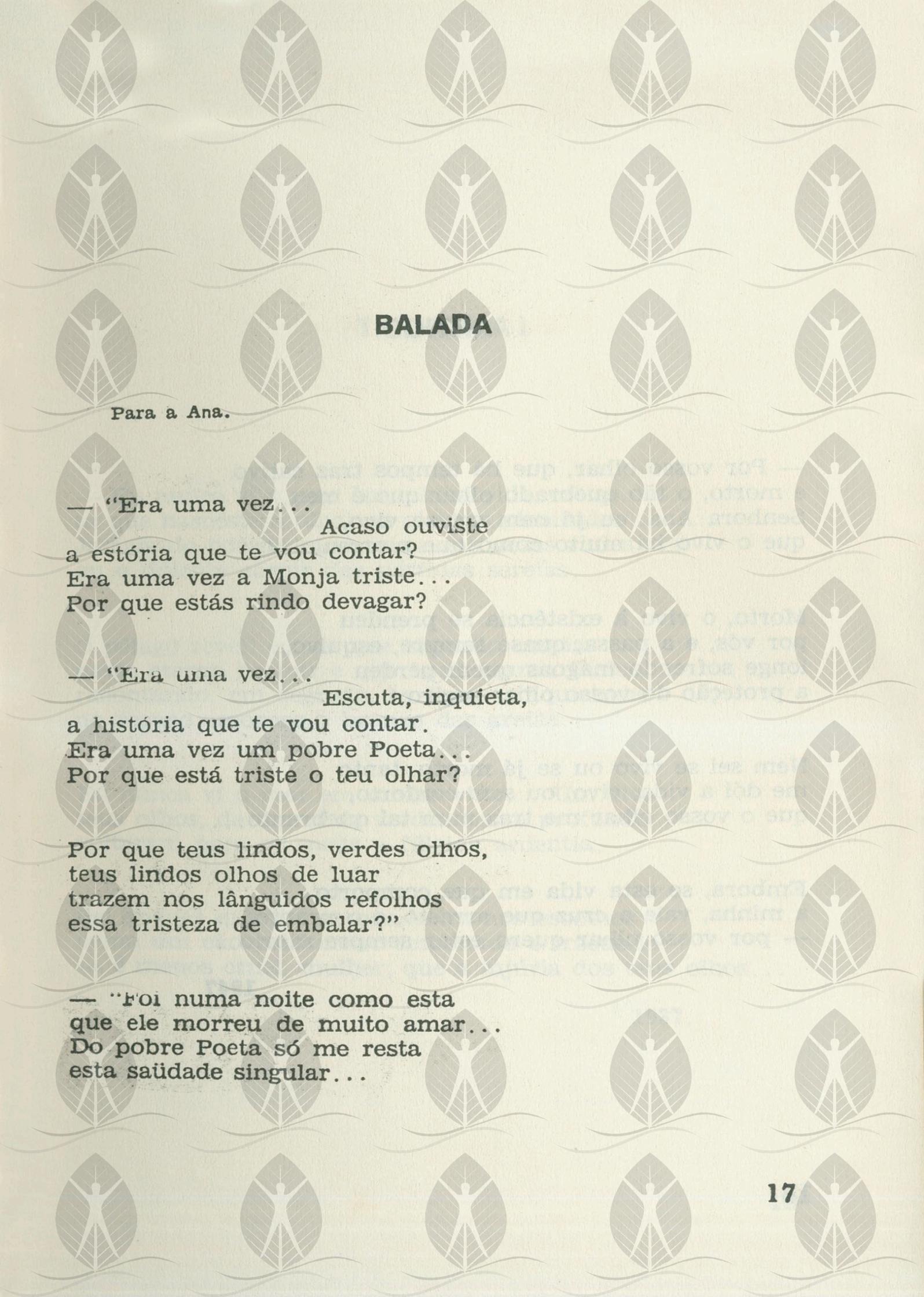
— Como um sangrento coração ferido, — o sol
atufa o disco heril nas áscuas do ocidente.
Ronda no ar o silêncio. As ramas docemente
carpem, na meia sombra, o enterro do arrebol...

Funerália grandiosa! A água lerda do poente
copia as franjas de ouro e sépia. Alumbra o escol
da apoteose o zarcão, zebrando a fímbria, a frol.
E o rio enrola turvo as vagas molemente...

É a síncope da tarde. Há uns vagos de canseira,
à saúde da luz, na alma da própria mata
e soturno, a gemer, se espreguiça o Madeira...

Desce a bruma. No azul pulsa uma estrela acesa
de súbito, o infinito em gemas se desata.
Reza a noite no ocaso o ritual da tristeza...

Borba, Rio Madeira, 1934



BALADA

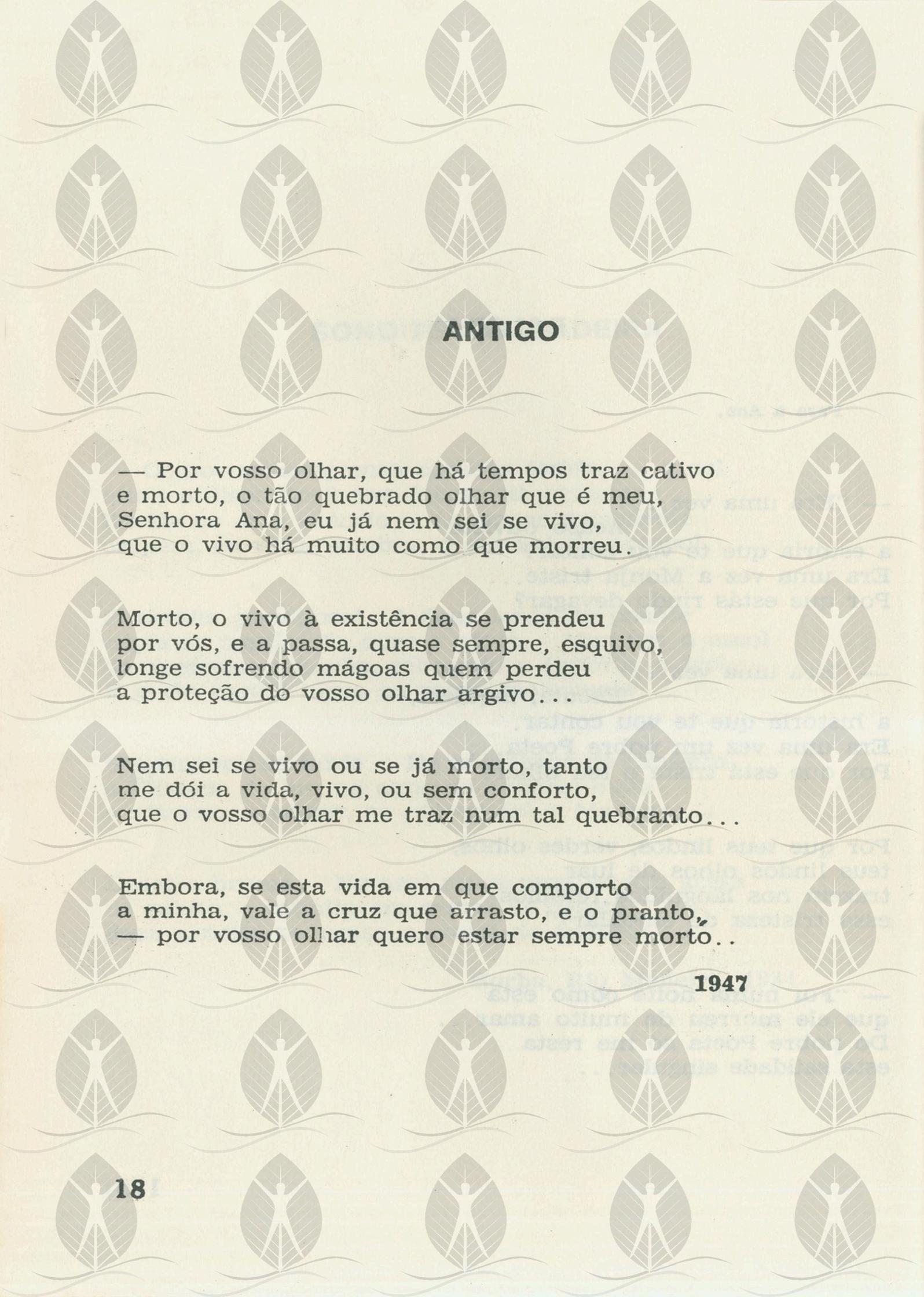
Para a Ana.

— “Era uma vez...
Acaso ouviste
a estória que te vou contar?
Era uma vez a Monja triste...
Por que estás rindo devagar?”

— “Era uma vez...
Escuta, inquieta,
a história que te vou contar.
Era uma vez um pobre Poeta...
Por que está triste o teu olhar?”

Por que teus lindos, verdes olhos,
teus lindos olhos de luar
trazem nos lânguidos refolhos
essa tristeza de embalar?”

— “Foi numa noite como esta
que ele morreu de muito amar...
Do pobre Poeta só me resta
esta saüdade singular...”



ANTIGO

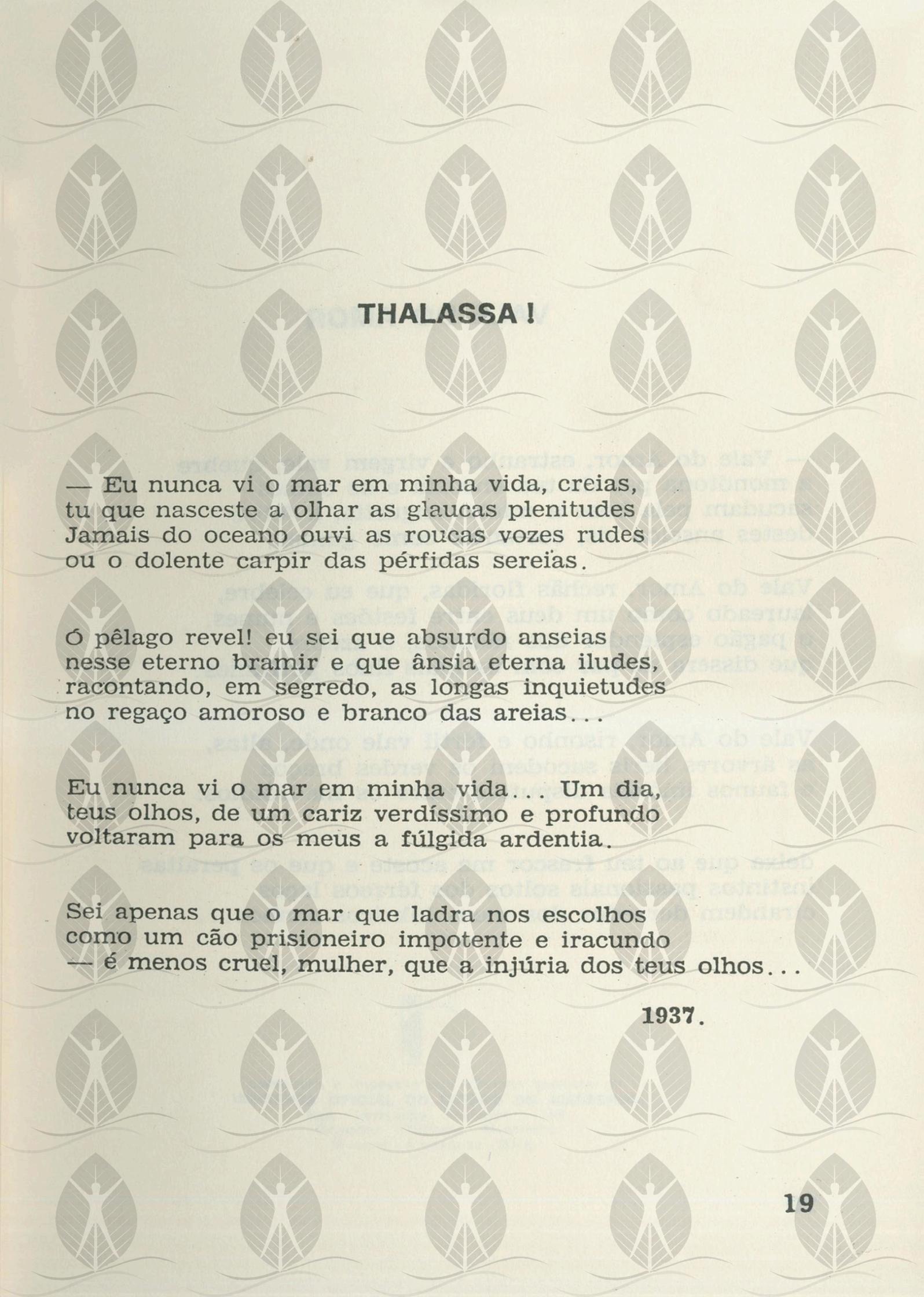
— Por vosso olhar, que há tempos traz cativo
e morto, o tão quebrado olhar que é meu,
Senhora Ana, eu já nem sei se vivo,
que o vivo há muito como que morreu.

Morto, o vivo à existência se prendeu
por vós, e a passa, quase sempre, esquivo,
longe sofrendo mágoas quem perdeu
a proteção do vosso olhar argivo...

Nem sei se vivo ou se já morto, tanto
me dói a vida, vivo, ou sem conforto,
que o vosso olhar me traz num tal quebranto...

Embora, se esta vida em que comporto
a minha, vale a cruz que arrasto, e o pranto,
— por vosso olhar quero estar sempre morto..

1947



THALASSA !

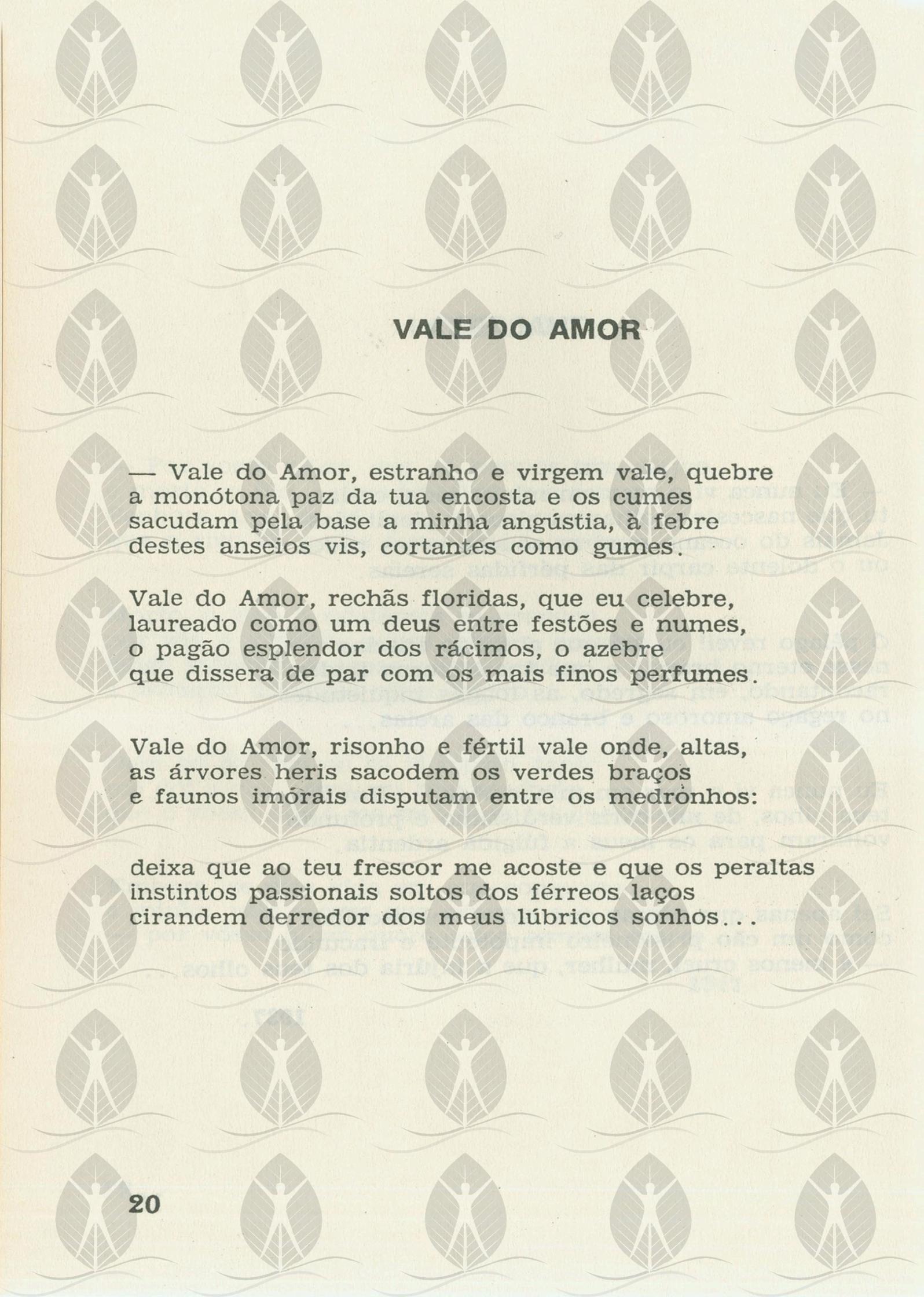
— Eu nunca vi o mar em minha vida, creias,
tu que nasceste a olhar as glaucas plenitudes
Jamais do oceano ouvi as roucas vozes rudes
ou o dolente carpir das pérfidas sereias.

Ó pêlago revel! eu sei que absurdo anseias
nesse eterno bramir e que ânsia eterna iludes,
racontando, em segredo, as longas inquietudes
no regaço amoroso e branco das areias...

Eu nunca vi o mar em minha vida... Um dia,
teus olhos, de um cariz verdíssimo e profundo
voltaram para os meus a fúlgida ardentia.

Sei apenas que o mar que ladra nos escolhos
como um cão prisioneiro impotente e iracundo
— é menos cruel, mulher, que a injúria dos teus olhos...

1937.



VALE DO AMOR

— Vale do Amor, estranho e virgem vale, quebre a monótona paz da tua encosta e os cumes sacudam pela base a minha angústia, à febre destes anseios vis, cortantes como gumes.

Vale do Amor, rechãs floridas, que eu celebre, laureado como um deus entre festões e numes, o pagão esplendor dos rácimos, o azebre que dissera de par com os mais finos perfumes.

Vale do Amor, risonho e fértil vale onde, altas, as árvores heris sacodem os verdes braços e faunos imórais disputam entre os medrónhos:

deixa que ao teu frescor me acoste e que os peraltas instintos passionais soltos dos férreos laços cirandem derredor dos meus lúbricos sonhos...



composto e impresso nas oficinas gráficas da
IMPRESA OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS
Rua Leonardo Malcher, 1189
Governo Gilberto Mestrinho
Manaus - Amazonas - Brasil



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura

